

Entre Freud e Foucault: confissão e sexualidade

Between Freud and Foucault: confession and sexuality

Marina Vahle¹
USP
Elder Magno Santos²
AGES

Resumo: Este artigo trata do mapeamento das principais formulações críticas de Foucault à psicanálise freudiana em *A Vontade de Saber* (1976). Para este fim, parte de uma contextualização do projeto filosófico foucaultiano, assim como a exploração de alguns conceitos principais, como o de dispositivo de sexualidade. Em seguida, é realizado um levantamento dos principais pontos abordados por Foucault naquela obra e que repercutem no saber psicanalítico, partindo das noções centrais de confissão e sexualidade: a confissão como modelo de produção discursiva do sexo como verdade do sujeito e a sexualidade como efeito de práticas sociais e discursivas. Este levantamento é acompanhado por possíveis caminhos teóricos para uma eventual réplica freudiana.

Palavras-chave: Foucault; Freud; Confissão; Sexualidade; Dispositivo.

Abstract: This article deals with the mapping of the main critical formulations from Foucault to Freudian psychoanalysis in *The Will to Knowledge* (1976). In order to do this, it starts from a contextualization of Foucault's philosophical project, as well as the exploration of some of his prime concepts, like sexuality device. Afterwards, a survey of the main points approached by Foucault in that work and that reflects in psychoanalytical knowledge is accomplished, departing from the central notions of confession and sexuality: confession as a model for discursive production of sex as subject's truth and sexuality as an effect of social and discursive practices. This survey is followed by possible theoretical paths for an occasional Freudian reply.

Keywords: Foucault; Freud; Confession; Sexuality; Device.

1. Introdução

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) analisou como um de seus temas o lugar da sexualidade como campo de experiência e produção discursiva própria ao Ocidente Moderno. Foucault questionou o porquê de se falar tanto de sexo e como essa falação delimitou um campo de experiência atravessado por práticas e discursos diversos, associados à emergência de comportamentos e de novas relações do sujeito com seu corpo e com os outros. Segundo Foucault (1976/2006), a sexualidade, antes de ser condenada ao mutismo ou ao silêncio por uma suposta repressão, foi produzida por

¹ Mestre em psicologia clínica (USP); Psicóloga do Senado Federal. E-mail: marivahle@hotmail.com

² Mestre em psicologia social (UFS); Psicólogo do Hospital de Urgência de Sergipe; Professor nas Faculdades AGES. E-mail: eldermfs@hotmail.com

práticas sociais que, por sua vez, se sustentaram em uma formação discursiva da modernidade denominada *scientia sexualis*. Nesse sentido, a existência de uma Ciência Sexual foi o contraponto necessário de práticas educativas, médicas, psicológicas, entre outras.

Algumas categorias de análise do filósofo, utilizadas no texto d'*A Vontade de Saber* (1976/2006), possibilitaram uma leitura do sexual a partir de uma perspectiva histórica e desnaturalizadora. Considera-se que tais coordenadas de leitura se inscrevem em seu projeto filosófico, no que diz respeito a uma análise das relações de poder, no que comumente é chamada história genealógica.

A especificidade de tal modo de leitura permite situar a questão da sexualidade em um nível histórico-cultural. Consequentemente, saberes como a psicanálise, a medicina, a pedagogia foram alvo da interrogação histórica da sexualidade feita por Foucault. Apresentar as formulações críticas à psicanálise, a partir da perspectiva histórica adotada pelo filósofo, é o que se propõe com este artigo. Para tal intento, o texto é dividido em dois grandes tópicos:

1 - apresentação geral da obra *A Vontade de Saber*, a partir de dois eixos de discussão: a perspectiva de uma história genealógica da sexualidade, entendida como objeto histórico; e a análise do conceito de dispositivo na genealogia da sexualidade;

2 - o levantamento das críticas do filósofo à psicanálise n'*A Vontade de Saber*; e a especificidade do saber psicanalítico no tocante ao sexual, a partir do confronto com as formulações críticas de Foucault.

2. A Vontade de Saber no Projeto Genealógico

Foucault foi um filósofo francês cujos estudos acerca do surgimento da loucura, das ciências humanas, da sexualidade e do sujeito são considerados de relevância para uma determinação política das ciências humanas. Problematizando a produção de conhecimento nas ciências, Foucault demonstrou, nas suas análises dos saberes, que o discurso das ciências do homem está intimamente articulado com práticas sociais determinadas historicamente. Por isso, operou uma desnaturalização dos objetos e dos saberes formulando que não poderia haver uma objetividade do conhecimento, nem um sujeito neutro, cuja consciência é como um espelho do mundo. Ao longo de seu projeto filosófico, pode-se entrever a sua crítica a um sujeito transcendente e capaz de verdade assim como o questionamento da verdade como essência de um objeto do qual a ciência seria a guardiã.

Considera-se o projeto filosófico de Foucault dividido em três grandes linhas de investigação:

1) Arqueologia das formações discursivas – que analisa os discursos e suas condições de possibilidade, a partir das condições internas aos saberes;

2) Genealogia do poder – propõe uma análise das condições de possibilidade externa aos saberes. Essas possibilidades externas seriam o que Foucault chamará de relações de poder, da qual os saberes fazem parte como elementos estratégicos de um dispositivo político. Ou seja, onde há saber, há também relações de poder. “A

genealogia é uma análise histórica das condições políticas de possibilidade dos discursos” (MACHADO, 2006, p. 167).

3) Problematização do sujeito. Essa última linha de investigação seria marcada por uma problematização ética do sujeito, ou segundo Birman (2000), pela discussão de uma estética da existência que, tomando como referencial de análise a experiência ética da Antiguidade grega e romana, centrada na ideia de cuidado de si, realiza um contraponto à experiência ética moderna centrada no conhecimento de si.

Na genealogia, o poder seria a questão central, participando da constituição dos saberes, na medida em que esses não se formariam sem estratégias de poder. Assim, Machado e outros autores como Birman (2000) e Chaves (1988) situam *A Vontade de Saber* (1976/2006) no projeto genealógico foucaultiano por ser uma análise da constituição de saberes a respeito da sexualidade como discursos que, veiculando formas de poder, legitimam e produzem uma determinada forma de experiência do sexual.

Nesse sentido, formações discursivas como a psicanálise, a sexologia, a psiquiatria, psicologia entre outras, estariam necessariamente articuladas com modos de organização, distribuição e técnicas direcionadas aos corpos, ligadas a formas de ver e dizer acerca de si. Um jogo de verdades e práticas sociais formaria uma rede homogeneizante de captura dos sujeitos, na medida em que os qualificaria como sujeitos dotados de sexualidade.

Ao Foucault genealogista, coube pôr em evidência as forças, disposições, estratégias que condicionaram o cotidiano das pessoas, formando campos de saber que constituíram objetos, que delimitaram as experiências dos indivíduos, que contornaram as suas formas de reconhecimento de si. A sexualidade, n’*A Vontade de Saber*, é abordada como efeito de relações de força materializadas em discursos e práticas sociais ou, em termos foucaultianos, em formas de poder e saber. Poder, nesse sentido, seria um investimento espacial, discursivo, moral sobre os corpos, resultando na sua identificação como sujeito de suas ações, de seus pensamentos, de seus desejos, de suas verdades. “[...] o que há de essencial em todo poder é que seu ponto de aplicação é sempre, em última instância, o corpo” (FOUCAULT, 1973/2006, p. 19).

O corpo, suas sensações, prazeres, anatomia, disposições, tudo devidamente colocado em análise pelas instâncias discursivas e de poder (a igreja, as instituições disciplinares, a ciência e a medicina). Instâncias que teriam como invariante a regra fundamental de posicionar os indivíduos em um esquema confessional, no qual o que era dito poderia ser usado contra ou favor dele, pois o que ele dizia tinha um estatuto de verdade sobre si.

Assim, Foucault caracterizou a sexualidade como uma experiência discursiva, como algo que, para se tornar real e ser reconhecido, teria que passar pelo crivo da palavra. “Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 27).

A proposta foucaultiana da sexualidade, como objeto histórico, romperia com uma abordagem segundo a qual as várias formas de experiência do sexual, ao longo do tempo, seriam identificadas a uma essência cuja variação só seria de ordem nominal.

Com Foucault, um nome não é só um simples signo, um nome é uma prática discursiva, um nome é a constituição da própria realidade da qual se fala. Nomear um evento corresponderia a materializá-lo, dar-lhe estatuto de existência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 152).

2.1. Dispositivo e Sexualidade

A aplicação do conceito “dispositivo”, como conceito foucaultiano, se dá no curso do Collège de France intitulado *O Poder Psiquiátrico* de 1973. Neste curso, a categoria de dispositivo aparece associada à questão do poder na prática psiquiátrica. Por isso Foucault denomina “dispositivo de poder”. O que Foucault começa a pensar é a relação do funcionamento asilar com a produção de saber sobre o louco. Ele efetua um deslocamento de uma análise das representações acerca da loucura para o que ele chama dispositivo de poder. Não é mais a percepção, a imagem da loucura, nos séculos XVII e XVIII que é investigada como doença mental. O ponto de partida da análise é o dispositivo produtor desse discurso. “O dispositivo de poder como instância produtora da prática discursiva. É nisso que a análise discursiva do poder estaria [...], digamos num nível que permitiria apreender a prática discursiva precisamente no ponto em que ela se forma” (FOUCAULT, 1973/2006, p. 17).

A ideia de dispositivo supõe uma investigação discursiva focalizando as relações sociais que se estabelecem a partir desses discursos. O conceito de dispositivo se refere então a uma escolha metodológica – a genealogia, a abertura de um novo nível de análise e não a exclusão do discurso como peça da experiência histórica. A realidade histórica se tornou agora não só um conjunto de representações dispersas que possibilitam a entrada de um objeto, mas também um conjunto de práticas sociais. “Acontecimento fundado na experiência, nas práticas de homens que agem, veem e dizem o que fazem a partir dos limites que o seu próprio tempo coloca.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 150).

A genealogia da sexualidade, n’*A Vontade de Saber*, produz uma ruptura com um modo tradicional de fazer história que trata os documentos e os fatos como uma unidade significativa, na medida em que não propõe uma análise dos significados implícitos nos discursos históricos. Segundo O’Brien (1998), a genealogia é o estudo do poder através dos discursos. “A cultura é estudada através das tecnologias de poder” (O’BRIEN, 1998, p. 46). A história da cultura em Foucault, nos seus diferentes objetos, passa necessariamente por práticas que materializam relações de poder. Ou seja, o político e o cultural estão interligados. Foucault faz uma história política sem deixar de lado o cultural, mas isso só é possível pela noção de político utilizada por ele. O político, na tradição da história política e social, se refere aos Estados ou instituições. Com Foucault, o político se amplia e atinge as relações sociais cotidianas, não se referindo a uma instância hierárquica e sim a um exercício de poder que existe entre as pessoas. E a política não se exerce sem uma verdade que a sustente e a veicule, ou seja, sem saberes ou discursos.

No caso da Modernidade, o poder identifica os indivíduos e se materializa numa disciplinarização do corpo como prática social que produziu práticas discursivas (as ciências humanas) que, por sua vez, construiu corpos dóceis para o labor e a reprodução

de uma sociedade centrada no trabalho. Portanto, Foucault enfatiza essa transitividade entre discursos e práticas que se alimentam mutuamente, designando tal articulação com o conceito de dispositivo.

Segundo Chaves (1988), a categoria central d'*A Vontade de Saber* é a ideia de Dispositivo da Sexualidade, como prática social que constituiu discursos acerca do sexo. A sexualidade como dispositivo se inscreveria na trama da constituição do sujeito no Ocidente. A partir dessa proposição, Foucault questiona a ideia de uma repressão sexual, por parte de uma sociedade capitalista, que tinha como objetivo disciplinar o corpo para o trabalho. Foucault destrona tal hipótese e seus autores, ao contextualizar o discurso liberador como um efeito de um modo de relação social, no qual o corpo foi sexualizado por práticas discursivas e sociais oriundas de formas de poder. Portanto, seria uma impostura teórica a hipótese repressiva ao “afirmar [...] a sinonímia entre poder e repressão e, por outro lado, que a crítica da repressão abala as estruturas da dominação” (CHAVES, 1988, p. 98).

Essas novas relações de poder, surgidas na Modernidade, são representadas pelos conceitos de poder disciplinar e biopoder, que são modos de intervenção social sustentados em saberes, e produtores de saberes e objetos, como a pedagogia, vinculada ao surgimento da escola; a prisão, vinculada ao surgimento da delinquência; a medicina social, vinculada às políticas de saúde da população, entre outras. Nessas relações, não há um Estado ou um sujeito que controla os corpos e outorga leis a serem cumpridas. A função não se limita à obediência de um soberano qualquer, pois o que está em jogo é o controle dos corpos, é a sua utilidade, o cuidado com a sua saúde, é a gestão dos indivíduos seja por procedimentos disciplinares seja por regulações da população, com vistas a assegurar a existência da espécie. “[...] suponhamos que a análise histórica tenha revelado a presença de uma verdadeira ‘tecnologia do sexo’ [...] mais positiva do que o efeito excludente de uma proibição” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 101).

Mas, como atingir os corpos dos indivíduos, como controlar suas condutas, promover sua saúde, proteger a sua vida? É aí que entra a noção de dispositivo que, n'*A Vontade de Saber*, é relacionada às noções de técnicas, tecnologias. Dispositivo é o que opera essa articulação entre poder e saber, entre as esferas da práxis e do discurso. Representa uma ampliação da arqueologia foucaultiana, visto que o dispositivo não só produz objetos, mas também estabelece domínios de intervenção. Com a ideia de dispositivo da sexualidade, os prazeres e as sensações corporais se tornaram objetos das técnicas de poder disciplinar e biopolítico.

Quando Foucault fala em dispositivo político percebe-se que não há separação entre técnica e política, ou seja, a técnica é eminentemente uma política e que não há política sem uma técnica, tecnologia ou procedimento qualquer. A ideia de dispositivo é um modo de vincular técnica e política, um instrumento de análise que não dicotomiza as dimensões, mas também não as mistura e sim as tornam interdependentes. Também é uma forma de não reduzir o político à formulação do direito, à enunciação de leis. “Trata-se, portanto de, ao mesmo tempo, assumir outra teoria do poder, formar outra chave de interpretação histórica [...]. Pensar, ao mesmo tempo, o sexo sem a lei e o poder sem o rei” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 101).

Por isso, a centralidade da crítica à hipótese repressiva n’*A Vontade de Saber*, que identifica o poder a um centro do qual ele emana, um poder soberano, cuja função é basicamente dizer “não” e supõe uma teoria do desejo vinculada a uma interdição constituinte do próprio desejo. As relações sociais estão atravessadas agora por tecnologias, por técnicas, que não reprimem *a priori* e sim identificam as pessoas, as tornam sujeitos, no caso em discussão, sujeitos de uma sexualidade. “[...] essa analítica do poder só pode ser constituída liberando-se de certa representação do poder [...] jurídico-discursiva” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 92). A prática política não determina o sentido dos discursos e sim participa dessa produção e do seu funcionamento, ou seja, o político se faz por um conjunto de procedimentos que não se limita ao procedimento jurídico, à enunciação de uma lei. “Uma coisa é clara nas análises genealógicas do poder: elas produzem um importante deslocamento com relação à ciência e à filosofia políticas” (MACHADO, 2006, p. 68).

Historicizar a sexualidade, o corpo, não significa detectar a lei que o toma. Historicizar a sexualidade é cartografar as diferentes técnicas que a engendram. Foucault poderia fazer uma história do direito, mas sua percepção do político na modernidade o levou a fazer uma genealogia das técnicas, uma história de dispositivos.

Não há discursos sem dispositivos de poder, sem práticas sociais que materializam relações de poder, na qual um corpo é posto em um determinado lugar, é tornado objeto de investimento de poderes. Na genealogia da sexualidade, esse lugar é um lugar confessional, no qual os indivíduos são identificados como portadores de uma verdade relativa ao seu sexo. “A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 72). A confissão seria a técnica, o esquema no qual o poder investe nos corpos para extrair deles o conhecimento necessário. Portanto, não se confessa uma verdade acerca de si se o sujeito não for disposto em determinada posição de reconhecimento de si. A produção de um saber está relacionada a certa disposição dos corpos.

Não haveria sexualidade sem relação entre poder e saber, entre prática social e prática discursiva. Nesse sentido, a psicanálise teria como condição de possibilidade essa vontade de saber, que toma o sexual como objeto de conhecimento e intervenção, por isso se insere no campo da *scientia sexualis*, ao mesmo tempo em que é considerada como um dispositivo de poder e saber. Instrumento e efeito do dispositivo de sexualidade, a psicanálise só se tornou possível devido a tal forma de experiência do sexual ligada a um saber de si para além do encontro entre corpos na relação sexual.

3. Foucault e a Psicanálise na Vontade de Saber

No livro *A Vontade de Saber*, Foucault estabelece algumas categorias de contextualização histórica da sexualidade, como as de dispositivo de sexualidade e de aliança, técnica da confissão, biopolítica, ciência sexual e sujeito. O mapeamento dessas categorias leva necessariamente a destacar a emergência e a influência da psicanálise nesse processo, possibilitando-nos enxergar seus pontos de continuidade e resistência em relação aos mecanismos de poder.

Pode-se depreender, através da leitura dessa obra, que existem duas matrizes principais e interdependentes que ajudam na produção do sujeito moderno: a confissão e a sexualidade. Entre confissão e sexualidade, há a produção de discursos sobre o sexo, que busca a verdade do sujeito, um saber sobre ele que, segundo Foucault, serve a estratégias de poder. Por essa imbricação entre poder, discursos, estratégias e saber, fala-se em *técnica da confissão* e *dispositivo de sexualidade*, indispensáveis para se pensar o contexto histórico de surgimento da psicanálise.

3.1. Confissão

Foucault afirma que, a partir do século XVI, com a pastoral cristã e a prática da confissão, a colocação do sexo em discurso passou a sofrer uma incitação ao invés de uma restrição. Inicialmente, tratava-se na confissão de descrever o ato sexual em si, o que oscilava entre práticas lícitas e ilícitas. A partir da Contra-Reforma, a confissão não só passou a ser mais frequente como progressivamente foi mudando sua temática, passando a impor regras meticulosas de exame de si mesmo e a atribuir maior importância a pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, devendo tudo isso ser examinado em detalhe (FOUCAULT, 1976/2006). O sexo devia ser investigado até suas mínimas ramificações, tudo devia ser dito. Houve um deslocamento da descrição da experiência para a inquietação do desejo, as reverberações na alma, ou seja, da relação com o outro para a relação consigo mesmo.

O sujeito não só é decifrado na confissão, como também se constitui, já que a confissão é uma técnica de si (FOUCAULT, 1976/2006), um modo pelo qual o sujeito se constitui ao realizar um exame de si, modificando-se nesse ato de contar suas intimidades a alguém. Não existiria, pois, um sujeito a priori que devesse ser decifrado, mas uma produção no próprio ato discursivo.

A confissão cristã teve continuidade, no séc. XVIII, com a produção do que Foucault denomina de *scientia sexualis* – que seria, em oposição a *ars erotica*³ grega, a forma especificamente moderna e ocidental de experiência do sexo – marcada pelo uso da confissão em moldes científicos, o que se torna visível através do imperativo clínico do fazer falar ao médico, substituto do padre. Não mais apenas a religião ocupava-se do sexo, como também a medicina, psiquiatria, pedagogia, a psicanálise numa tentativa de erigir um saber sobre o sexo e sobre o sujeito.

Foucault (1976/2006) aponta as adaptações do modelo da confissão ao contexto de uma ciência sexual:

- a) o imperativo clínico do fazer falar;
- b) o sexo como causa das doenças ou distúrbios;
- c) o princípio de um conteúdo sexual latente que se esconde ao próprio sujeito.

Escapar à enunciação faz parte da essência do sexo, por isso que é preciso arrancá-lo

³ Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, ele é sentido segundo sua qualidade, intensidade, é um modo de experienciar o sexo que tinha lugar nas sociedades da China, Índia, Roma, Japão e nações árabe-muçulmanas (FOUCAULT, 1976/2006). Não se leva em consideração a utilidade do prazer, mas a ampliação de seus efeitos, trabalhando-o de fora para dentro. O mestre é aquele que transmite os segredos, que orienta.

através da confissão. A confissão não mais trata apenas do que o sujeito gostaria de esconder, mas do que se esconde a ele próprio, necessitando, pois, da figura do médico;

d) o método da interpretação: o interlocutor está ali não mais para perdoar, mas para validar cientificamente aquela verdade através da interpretação. “Aquele que escuta [...] será o dono da verdade” (FOUCAULT, 1976/2006, p. 76). O indivíduo é destituído do saber de si;

e) a medicalização dos efeitos da confissão: coloca-se o conteúdo da confissão em termos não mais de pecado e culpa, mas de normal e patológico, o que dá margem a intervenções médicas. A confissão é necessária para o diagnóstico e para o tratamento pela fala. A verdade cura quando dita a tempo e a quem é devido.

Esses princípios presentes na confissão em moldes científicos permitem traçar três questões principais colocadas à psicanálise:

- a existência de uma verdade oculta de cunho sexual;
- a relação médico-paciente como relação de poder, visível na interpretação psicanalítica;
- a ideia de norma como referência que se contrapõe ao patológico.

Há uma diferença no que diz respeito à confissão teorizada por Foucault, cuja matriz é a confissão cristã, e a comunicação que acontece no *setting* psicanalítico. Embora o teor do que é comunicado pelo confessando e a descrição do confessor sejam semelhantes em ambos os casos (MEZAN, 1985 apud CHAVES, 1988), a absolvição prestada por ambos os confessores são diferentes. O confessor eclesiástico perdoa o pecador, mediante o reconhecimento do seu erro, o que leva ao sentimento de culpa e ao arrependimento. Tudo isto sob a égide de um código moral. Já o psicanalista aponta a alta moralidade do analisando e sua culpa excessiva, pondo em questão o universo moral do paciente e da sociedade em que vive (CHAVES, 1988).

Em relação à presença, no discurso psicanalítico, da ideia de norma como referência que determina o patológico, pode-se afirmar que Freud de fato utiliza constantemente, em seus escritos, as palavras normal e patológico, sua tradição médica é inegável. Seu projeto era curar as patologias psíquicas formadas por sintomas através da análise, tornando conscientes conteúdos traumáticos recalçados de forma a conferir um sentido para os mesmos. Seu método provaria ser eficaz e científico. Esse projeto, entretanto, vai tomando outros contornos. Em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), Freud sublinha o caráter interminável da análise e a impossibilidade de haver uma cura completa ou um tratamento perfeito, destacando a imprevisibilidade do embate entre vida e morte na análise. O ser humano nunca vai deixar de sofrer e isso não deve ser dotado de uma negatividade, pois as falhas e o conflito fazem parte da existência humana. Sua postura ética consiste em dar voz a Eros (pulsão de vida), permitindo a simbolização e a ligação com o outro, diminuindo o alcance de Tânatos (pulsão de morte) (BIRMAN, 2003).

Além disso, percebe-se que a suposta normalidade (sexualidade genital, heterossexual e sublimatória) é utópica, serve apenas como ponto de referência, pois a vida é feita de acidentes, falhas no desenvolvimento, fixações, conflitos. Não mais importariam as patologias em si, mas o sofrimento psíquico e o lugar de Eros na subjetividade.

Foucault (1976/2006) localiza na clínica (médica ou psicanalítica) uma relação de poder em que o médico é quem diria a verdade do sujeito. Roudinesco e Plon (1998) apontam que uma das grandes revoluções da psicanálise foi justamente abolir a separação tradicional entre médico e paciente, já que é dada a palavra ao paciente e não à nosografia, considerando que o próprio sujeito pode verbalizar e significar seus sintomas. A doutrina freudiana permitiu inclusive que antigos pacientes se tornassem analistas, apagando as fronteiras entre o saber e a verdade e a razão e a loucura.

Apesar de a clínica psicanalítica estar em continuidade inegável com a clínica da medicina, podemos apontar rupturas no que concerne à relação médico-paciente. O discurso tradicional do médico é racional, objetivo, numa relação em que ele é o dono do saber sobre o corpo do indivíduo. Já a relação entre analista e paciente envolve a circulação de afetos, uma suspensão do eu de ambas as partes que permite algo próximo de uma comunicação entre inconscientes (FREUD, 1912/1996). A transferência é parte fundamental dessa relação, embora se possa argumentar que essa relação afetiva seja racionalizada depois pela interpretação e que, portanto, o analista continuaria a dar a última palavra sobre o paciente. Ainda assim, a ideia freudiana de perlaboração poderia contrariar esse argumento, já que supõe um trabalho psíquico de elaboração efetuado pelo analisando após a interpretação do analista (FREUD, 1914/1996). Desta forma, mais importante que a interpretação, é se ela faz sentido ao paciente que, através de suas elaborações ulteriores, legitima ou não a palavra do analista.

Podemos apontar uma ruptura com a concepção racional do trabalho interpretativo, através do conceito freudiano de narcisismo, que colocou o eu como sendo sexualmente investido, o que rompe com a noção do eu como sede de interesses neutros e de uma racionalidade soberana (BIRMAN, 1988). Assim, o analista não é uma figura soberana da razão, mas é também sujeito aos falseamentos da verdade provocados pelo eu libidinal. Freud erotiza a razão.

Mais importante ainda: há algo um pouco mais complicado do que o assujeitamento à figura do médico ou do analista e mais complexo ainda que uma verdade sob a forma de representação, de uma verdade pronta, que deve ser desencavada. O indivíduo, tal como entendido pela psicanálise, está cindido em instâncias e sob a dinâmica de pulsões: é um indivíduo em consonância com as relações que estabelece com seus objetos de amor, que é formado e modificado pelo outro. Lembremos que o psiquismo é um processo, e que um mesmo enunciado, uma mesma lembrança adquire diversos significados ao longo da vida. Não existiria uma experiência em si a ser decifrada, mas fantasias e desejos móveis, de forma que verdades são produzidas. São infinitas as possibilidades de enunciação, é a hermenêutica freudiana, como aponta Foucault em Nietzsche, Freud e Marx (1966/2000). Não há a coisa em si, o acontecimento ou trauma primeiro, tudo são interpretações. As verdades seriam necessárias para dar conta do jogo de intensidades presentes no sujeito e que aparecem na clínica. No entanto, isso não anula o fato de que verdades são sempre buscadas, mesmo que sejam provisórias.

3.2. Sexualidade

Como vimos, segundo Foucault (1976/2006), essas verdades buscadas pela confissão são sempre de ordem sexual. A sexualidade é tema privilegiado por ser a porta de acesso à vida do corpo e à vida da espécie, constituindo-se como objeto e instrumento do biopoder. Permite tanto a realização de vigilâncias constantes, organizações espaciais, exames médicos e psicológicos meticulosos, como também o levantamento de medidas maciças e estatísticas. A sexualidade é, portanto, um dos elementos de maior instrumentalidade, podendo servir às mais variadas estratégias de poder. Não existe uma estratégia única e global em relação ao sexo, por isso não se pode generalizar a ideia de que se tentou reduzir o sexo à sua função reprodutiva, heterossexual, adulta, matrimonial (hipótese repressiva).

Foucault (1976/2006) aponta que, a partir do séc. XVIII, é possível distinguir quatro grupos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo: *histerização do corpo da mulher* (o corpo da mulher é saturado de sexualidade e dotado de uma predisposição a uma patologia – a histeria); *pedagogização do sexo da criança* (todas as crianças são suscetíveis a exercer atividades sexuais que, embora seja visto como algo natural, se forem indevidas podem gerar perigos físicos e morais, coletivos e individuais); *psiquiatrização do prazer perverso* (sobre as anomalias do instinto sexual recaem a normalização e a patologização); e *socialização das condutas de procriação* (incitação ou freios à fecundidade dos casais, efeitos patogênicos atribuídos às práticas de controle de nascimentos com relação ao indivíduo e à espécie).

Vale notar o quanto os três primeiros temas citados acima são familiares à psicanálise, colocando-lhe parte da responsabilidade pela criação desse sujeito sexualizado, que adoece em função da proibição dos seus desejos, e cuja verdade de si deve ser buscada a tempo, através de uma modalidade de confissão.

Tudo isso faz parte de uma *produção de sexualidade*, como afirma Foucault. A sexualidade não seria um dado da natureza que o poder pôs em xeque, mas o nome dado a um *dispositivo* histórico, que diz respeito à estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres, incitação ao discurso, formação dos conhecimentos, reforço dos controles e das resistências, que se encadeiam uns aos outros, segundo as estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1976/2006, p.116). Esse dispositivo desenvolveu dois processos de mútua referência: nós dizemos a verdade do sexo e ele nos diz a nossa. Foi nesse jogo que se constituiu um saber do sujeito.

Foucault contrapõe o dispositivo de sexualidade ao *sistema de aliança*, que lhe era anterior, o que não significa que tenha desaparecido com o advento da sexualidade. A aliança caracteriza-se pelo matrimônio, fixação e desenvolvimento dos parentescos, transmissão dos nomes e bens. Este dispositivo, marcado pela constrição, foi perdendo importância, à medida que foi se tornando insuficiente para dar conta das estruturas econômicas e políticas, permitindo a emergência do dispositivo de sexualidade. Enquanto o de aliança define-se em termos das práticas lícitas e ilícitas, o de sexualidade utiliza técnicas móveis e polimorfos. O primeiro tem por objetivo reproduzir a trama das relações e manter a lei que as rege; o segundo tenta estender permanentemente seus domínios e formas de controle. Por isso, a reprodução é alvo do poder na aliança, enquanto o dispositivo de sexualidade está preocupado em inventar,

proliferar, entrar nos corpos de forma cada vez mais detalhada, através do sexo, desejo, prazer (FOUCAULT, 1976/2006).

Em relação à superposição entre o sistema de aliança e dispositivo de sexualidade, Foucault argumenta que se deu a partir da prática da penitência, do exame de consciência, operando modificações como o tema das confissões, que passou do sexo, como suporte das relações (ilícito/lícito), para a problemática da carne, do corpo, das sensações. A sexualidade começava a nascer de uma técnica de poder originária da aliança. A família também realiza uma permuta entre os dois dispositivos (FOUCAULT, 1976/2006): transporta a dimensão do jurídico para a sexualidade e a sexualidade para o regime de aliança. Essas manobras permitem entender o porquê de a família do século XVIII ser sede obrigatória de afetos e a origem da eclosão da sexualidade. O incesto era lei essencial na família de aliança, mas na família recente, ele tem outro papel: é continuamente interdito (herança da aliança) e solicitado como foco de sexualidade (família da sexualidade).

O Complexo de Édipo remete a essa manobra, por articular o desejo incestuoso dos filhos em relação aos pais e da sua interdição. Foucault aponta que a permanência dessa interdição ao incesto pode ser entendida como uma espécie de defesa, não contra o desejo incestuoso, mas contra a extensão desse dispositivo de sexualidade, cujo inconveniente era o de ignorar as formas jurídicas da aliança. Assim, manter a interdição ao incesto tornaria o poder mais aceitável. Pela sua penetrabilidade e sua repercussão no exterior, a família é um dos elementos táticos mais preciosos para o dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 1976/2006).

A partir do que foi exposto, podemos levantar algumas questões relacionadas à sexualidade que Foucault coloca à psicanálise:

- a definição de sexualidade para Freud;
- o delineamento da relação entre sexualidade e interdição (hipótese repressiva);
- a ideia de que a verdade do sujeito estaria no seu sexo;
- a inserção da psicanálise na *scientia sexualis*.

A sexualidade para Freud, como já foi exposto anteriormente, vai além do seu significado comum. Designa uma série de atividades presentes desde a infância, que proporciona um prazer irreduzível à satisfação de atividades fisiológicas (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Freud atribui um caráter sexual a manifestações que tradicionalmente estariam fora desse campo, como a relação com o outro, a formação de laços, de grupos, os acontecimentos culturais, a atividade intelectual.

A própria sexualidade é o que movimenta o psiquismo através do desejo e da energia sexual que investe as representações (libido). Assim, a sexualidade não diz respeito apenas a excitações corporais, mas faz parte do funcionamento do aparato psíquico e das relações sociais.

Enquanto Foucault afirma que o dispositivo de sexualidade produz efeitos “nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 1976/2006, p.139), Freud destacaria a dimensão simbólica do corpo, o corpo fantasiado, que está na esfera do psíquico, do inconsciente (MEZAN, 1985 apud CHAVES, 1988). É um corpo dotado de intensidades, onde circulam afetos. A pulsão sexual, inclusive, vai de

encontro, muitas vezes, ao que seria bom para o organismo, pervertendo sua função orgânica vital.

O erotismo seria, portanto, a marca da resistência de Freud à racionalização e qualificação do corpo para fins produtivos e melhoria da espécie, característicos do registro do biopoder e da biopolítica, na genealogia dos quais o dispositivo de sexualidade se insere. O movimento desejante, que nos leva a ligar-se ao outro, é priorizado pela psicanálise, sendo o sofrimento a marca de que esse movimento emperrou. Levar isto em conta significa se contrapor ao movimento que tende a ver o corpo cada vez mais num plano orgânico e concreto, um corpo solitário.

Entrando agora na segunda questão apontada, que diz respeito à relação entre sexualidade e interdição, para Freud, a busca de prazer é confrontada com as exigências da realidade, configurando uma barreira ao desejo infantil incestuoso. Há uma relação entre desejo e interdição que foi apontado por Foucault como hipótese repressiva.

A crítica de Foucault à hipótese repressiva reside na localização do poder em termos jurídicos, como uma lei que barra o desejo. Freud não fala propriamente numa lei, mas numa interdição que vigora na sociedade e que, em termos psíquicos, suscita a ação do recalque. Em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna* (1908/1996), ele defende que esse recalque é pautado na exigência da sociedade de reprimir as manifestações da pulsão sexual, para que sua energia possa ser empregada para outros fins considerados mais úteis e nobres. De fato, parece haver aqui algo da ordem de um poder repressivo da sexualidade. Mais tarde, entretanto, em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1996), Freud aponta que, o que teve de ser suprimido, não foi propriamente a sexualidade, mas os impulsos destrutivos. A sexualidade é necessária para se formar os laços sociais e impedir a destruição.

Vale frisar que a psicanálise freudiana foi constituída como um processo, com retificações, mudanças, o que implica vários olhares sobre as questões relacionadas à sexualidade e à confissão que Foucault lhe coloca.

Quanto à verdade do sujeito na psicanálise, terceira questão colocada, é ela sempre relativa à sexualidade, como aponta Foucault? De forma geral sim, mas lembrando a dimensão abrangente do que Freud chama de sexualidade. Porém, com o segundo dualismo pulsional (pulsão de vida e de morte), não se poderia falar de uma verdade da pulsão, pois a verdade está no campo das representações. O sujeito passa a ser entendido em termos de uma “guerra” (BIRMAN, 2003) entre Eros e Tânatos, sem a possibilidade de saber o resultado desse embate constante.

A clínica psicanalítica parece ter efetuado um deslocamento parcial da busca de uma verdade sobre a sexualidade do sujeito para a busca do erotismo, da sexualidade como presença do outro, de Eros e da busca de sentido. O desejo não apenas sob a forma de recordações, mas como movimento que nos leva ao outro.

Pensando ainda na busca da maximização e qualificação da vida e da força pelo biopoder, há aqui uma contradição: o que se chama de vida nesse contexto aproxima-se da morte no sentido freudiano. Essa vida em jogo no biopoder é uma vida que afasta o sujeito do outro e afunda-o em si mesmo em busca de sua perfeição, uma vida que transforma o corpo desejante em organismo que deve funcionar segundo uma regulação

biológica dos prazeres. Essa vida é, portanto, o automatismo, o desligamento dos laços, a falta de simbolização: é a morte (em termos freudianos).

Ainda assim (mas sem anular seu movimento de resistência), a psicanálise partilharia de uma forma moderna de experiência do sexo, a *scientia sexualis*, tema da última questão. Embora se possa dizer que o sujeito da psicanálise é descentrado (pulsões, fantasias, desejos, afetos, instâncias) e as verdades estejam submetidas às intensidades e à dinâmica das pulsões, um saber sobre o sujeito e sobre seu sexo se erigiu, o que permitiu uma forma de vivenciar o sexo diferente da relação entre mestre e aprendiz, na arte erótica da Antiguidade. O saber sobre si passa a ter maior importância.

Vimos, então, que a psicanálise constituiu movimentos de resistência e de continuidade às estratégias de poder presentes no dispositivo de sexualidade e na confissão. Devemos lembrar, no entanto, que, como o próprio Foucault afirma, não existe um fora do poder. É apenas estando inserido nessas relações de poder que se podem operar resistências.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE Jr., D. M. (2007) *História – a arte de inventar o passado*. Bauru, EDUSC.
- BIRMAN, Joel. (1988) A Razão da Impostura. In: BIRMAN, J.; NICÉIAS, C.A. *O Objeto na Teoria e na Prática Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Ed. Campus.
- _____ (2000) *Entre cuidado e saber de si*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- _____ (2003) *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____ (2007) A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, v. 14, p. 529-548.
- CHAVES, Ernani (1988) *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- FOUCAULT, Michel (2000) Nietzsche, Freud e Marx. In: *Um diálogo sobre os prazeres do sexo; Nietzsche, Marx, Freud; theatrum filosoficum*. São Paulo: Landy (Original publicado em 1966)
- _____ (2006) *O poder psiquiátrico*. São Paulo, Martins Fontes (Original publicado em 1973).
- _____ (2006) *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*. São Paulo, Edições Graal (Original Publicado em 1976)
- FREUD, Sigmund (1996) Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [ESB]*. v. IX, pp.187-212, Rio de Janeiro, Imago (Original publicado em 1908).
- _____ (1996) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *[ESB]*,v. XII, pp. 149-163. Rio de Janeiro, Imago (Original Publicado em 1912).
- _____ (1996) Recordar, repetir e elaborar. In: *[ESB]*,v. XII, pp. 193-107. Rio de Janeiro, Imago (Original Publicado em 1914).
- _____ (1996) O mal-estar na civilização. In: *[ESB]*,v. XXI, pp. 81-178. Rio de Janeiro, Imago (Original Publicado em 1930 [1929]).

- _____ (1996) Análise terminável e interminável. In: [ESB],v. XXIII, pp. 247-290. Rio de Janeiro, Imago (Original Publicado em 1937).
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J-B. (2001) *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes.
- MACHADO, Roberto. (2006) *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- O'BRIEN, Patricia. (1992) A História da Cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo, Martins Fontes, pp. 33-62.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

Submetido em maio de 2014

Aceito em junho de 2014